

Entrevista&

ZEBU,

JOSEENSE INTEGRANTE DA BRABO MUSIC TEAM, LEVA FORRÓ AO MUNDO NA PARCERIA ENTRE LADY GAGA E PABLO VITTAR



Foto: Divulga o

Fabrício Correia

S O JOSÉ DOS CAMPOS

Guilherme Santos Pereira, nasceu em São José dos Campos e começou sua carreira há seis anos. Hoje, Zebu como   conhecido no meio artístico,   um dos produtores mais requisitados do mercado fonográfico brasileiro. Este mês quebrou a banca ao conseguir o improvável, levar Lady Gaga a entoar um forró no remixe “Fun Tonight” com Pablo Vittar. O site Pitchfork resenhou o alb m de remixes “Dawn of Chromatica” e aclamou a parceria de Gaga e Pablo, com

a mixagem que teve Zebu como um dos produtores. Além de produtor e DJ, com trabalhos com Ludmilla, Luisa Sonza, Mateus Carrilho, Urias, Anitta, MC Zaac e Tyga, “Desce Pro Play (Papapa)”, o artista lançou um  lbom em 2020, durante a pandemia, “ZB1”   um recorte da forma o do DJ diretamente influenciada por Jack  , Flume e até a banda emo colorida, Cine. Com 3 faixas, “IKY”, “IFY” e “ILY” o projeto passeia entre future bass, house e twerk. Em uma entrevista exclusiva para

Metr pole Magazine, Guilherme fala sobre sua vida em São José dos Campos, suas referências e a satisfa o de estar na órbita da rainha do pop.

Quais suas referências em São José dos Campos? Quem era o Zebu antes de ser um dos produtores de maior êxito na música pop hoje no Brasil?

Zebu: Sempre fui bem ligado no circuito de bandas de São José, fiz parte em 2009 da Made in Mars e da Guaritaz entre 2010 e

2012, nesse período a gente chegou a tocar em todos os festivais que eram adequados pra nossa idade na época, Tênis Clube, Poliedro, Objetivo, Anglo e também tocávamos bastante no Hocus Pocus. Acho que desde essa época gostava muito mais do ensaio, da gravação do que do palco mesmo. Sempre que íamos gravar ficava observando o engenheiro de som, para entender um pouco da gravação, e no fim nunca gostava de deixar o cara do estúdio fazer o trabalho final. Mesmo tendo entre 15 e 16 anos acho que era meio chato (risos), levava as pistas gravadas pra casa e ficava mexendo nelas, pensando: “Pô deve ser ótimo trabalhar com isso”.

Quando você descobriu que a música era a plataforma que seguiria em sua jornada? Qual foi a primeira vez que você parou, ouviu e disse: Quero fazer música!?

Zebu: A música em si sempre fez bastante parte da minha família, meus pais sempre gostaram muito de ouvir muita música, fazer festas com rodas de violão. Meu pai ganhou um violão no aniversário dele uma vez, e eu acabei me apropriando dele. Meu tio Sylvio e ele me ensinaram a tocar quando tinha meus 7-8 anos (estou com 27 agora) e acho que desde então não passo um dia sem mexer em alguma coisa de música, tocar um instrumento, gravar alguma coisa. Sempre tive muita certeza de que eu queria trabalhar com isso e nunca fiz a menor ideia de como entrar efetivamente nesse meio. Acabei dando uma sorte imensa com algumas coisas que eu postava na internet em 2015-2016 e chamaram atenção organicamente de algumas gravadoras, e eu acho que foquei sempre em construir muitas pontes e não desperdiçar absolutamente nenhuma oportunidade, então creio que foi muito natural mesmo esse processo.

O mercado fonográfico precisou se reinventar por conta da internet, essa mudança comportamental, que exclui de rádios e televisões a premissa de “estourar” facilitou o sucesso de vários artistas. Como “surfear”

nas plataformas existentes e conquistar seu lugar na música?

Zebu: É extremamente positivo, rolou uma inversão dos poderes. Obviamente o dinheiro e os contatos ainda imprimem um papel na carreira de muitos artistas mas é ótimo ver de dentro que isso não é mais 100% essencial, definir o que é sucesso faz parte do papel do público como nunca antes. Agora como conseguir seu lugar, acredito que não tem muito mistério: é fazer material e lançar. A internet e a democratização da tecnologia abriram muito o leque, porque se você é um artista que fala muito bem para um determinado público, você consegue juntar uma base de fãs que pode ser demograficamente espalhada, gravar o seu material em um notebook, subir em qualquer distribuidora, e aí se você achar vantajoso assinar com alguma gravadora você já tem um material, já tem fãs, e consegue fazer uma negociação trazendo uma força maior. Sinto que muitas pessoas ainda ficam esperando uma chance para serem descobertas, acho que isso é uma mentalidade um pouco antiquada. Com a tecnologia de hoje a distância entre o “caseiro” e o “profissional” caiu muito, muitas músicas que eu faço hoje são 100% feitas num notebook e gravadas com essas interfaces caseiras. Outra coisa é que o ouvido de muitas pessoas já se acostumou com outros tipos de gravações além daquele ultra-polido, existe a estética de som estourado, bateria alta pra tocar em paredão e aí vai. Acho que o importante é você pensar na sua música com inteligência e o que você quer com ela. Se ela cumprir o que você tava pensando tá valendo.

O que você ouve quando está em casa, sozinho, trancado literalmente no closet. Há uma música ou um artista que você ama escondido de todos?

Zebu: Esse negócio de esconder nunca tive muito não, sou muito, muito fã de música pop, mas ouço muito de tudo, tanto pra me manter atualizado (novidades do maior número de países possíveis)

“A música em si sempre fez bastante parte da minha família, meus pais sempre gostaram muito de ouvir muita música, fazer festas com rodas de violão. Meu pai ganhou um violão no aniversário dele uma vez, e eu acabei me apropriando dele.”

Zebu, produtor musical

quanto pra me divertir: sempre acho que qualquer tipo de música que as pessoas gostam tem alguma coisa pra ensinar. O lado mais triste de trabalhar com música é que dificilmente eu acabo escutando muita música trabalhando, mas se pudesse dizer qual meu tipo favorito de música com certeza seriam as tristes, as baladas. Acho que o ser humano gosta muito de compartilhar tristeza, e por isso acho que as músicas tristes/emocionantes são as que duram mais.

Como foi seu primeiro encontro com a Pablo Vittar. Quais as referências que ela pede para imprimir nas canções que interpreta?

Zebu: Em 2017 eu era DJ em algumas festas e em fevereiro dividi palco com o Maffalda (na festa YOUNG em São José inclusive), que produzia a Pablo (na época fazendo muito sucesso com “Todo Dia”). Ele acabou me chamando pra fazer um dos remixes do álbum Vai Passar Mal, e depois a equipe da Brabo que ainda estava em formação pediu pra todos os Dj’s que fizeram remixes mandarem instrumentais e ideias para o próximo cd. Acabei fazendo dois, um péssimo e um que gostaram muito. No fim, falaram que fui o único que mandou, e me chamaram pra passar uma

Entrevista&

semana em um hotel, compondo e produzindo. Fizemos nessa semana 5 m6sicas (“Trago seu amor de volta”, do instrumental que eu tinha mandado, “N3o Vou Deitar”, “Flash Pose” - que s3o saiu em 2019, “Bandida” da Cleo e “Parceira” da Pepita) e nos demos muito bem, tanto entre os produtores da Brabo Music quanto com a Pablllo. Gosto muito de trabalhar com ela porque 6 uma artista que n3o tem medo de absolutamente nada. O 3dio gratuito que sofre j3 6 enorme ent3o n3o tem muita amarra, ela traz muitas refer6ncias da m6sica do Norte e Nordeste e muita coisa do pop alternativo global, a m6sica eletr3nica underground, 6 uma grande salada (risos) e fazemos o poss6vel pra imprimir tudo isso nas m6sicas junto, sempre tentando manter tudo muito acess6vel para o maior n6mero de pessoas.

O atual momento que vivemos no Brasil, onde os direitos humanos s3o relegados, e a aus6ncia do di3logo est3 cada vez mais constante, instiga voc6 a trabalhar para que o palco da m6sica inspire as pessoas ao respeito as diferenç3s?

Zebu: Para mim 6 um privil6gio trabalhar com pessoas t3o alinhadas com esse discurso de respeito 3 diversidade, aprendo muito no est6dio, e acho muito legal ter a mentalidade de que a m6sica que voc6 faz 6 parte de algo muito maior, que leva esperanç3 pra muita gente e tamb6m abre muitas discuss3es. No fim o trabalho do produtor 6 deixar o est6dio ser o lugar mais confort3vel do mundo para o artista ser quem ele 6 e ajudar a amplificar o que ele tem a dizer, ent3o me sinto muito feliz de poder ajudar nem que com o m6nimo.

Voc6 praticamente entrou em um casulo com a pandemia e dessa imers3o surgiu seu 3lbum “ZB1”. Como foi no fundo encontrar voc6 mesmo em um trabalho autoral?

Olha, vou ser bem honesto, nunca me vi muito como artista, acho que o lado dos bastidores me interessa muito mais. S3o que no meio da pandemia, com um pouco de tempo a mais, pensei que deveria ten-



Foto: Divulgaç3o

tar alguma coisa. Tentei e acho que fazer um trabalho sozinho s3o abriu um pouco os olhos de que eu realmente gosto de trabalhar com outras pessoas. Mas fiquei satisfeito com as m6sicas que sa6ram!

Como produtor, qual sua dica para uma m6sica martelar na cabeç3 e grudar como chiclete?

Zebu: Por mais estranho que pareça, para mim e para o pessoal que trabalha junto comigo 6 n3o tentar muito. A gente a mania de dizer que a palavra “hit” 6 proibida dentro do est6dio, o importante 6 fazer uma m6sica que ali dentro a gente gosta, acredita e se divirta. 6 3bvio que tem que ter um pouco de intelig6ncia ao pensar na m6sica como ouvinte...se 6 uma m6sica para dançar, ela est3 fazendo a gente dançar? N3o est3 chata? A mesma coisa com m6sica para sofrer, m6sica pra refletir e etc... Acho que o mais importante 6 a filosofia de um produtor que admiro muito, o Denniz Pop que 6 : a m6sica n3o pode ser chata, seja qual ela for. No mundo de hoje, com internet, Tiktok e etc, as coisas s3o muito org3nicas, ent3o ser legal 6 fator mais importante.

O encontro das divas universais, Pablllo e Lady Gaga. Relate para n3s sua sensaç3o de ser lanç3ado para as gal3xias com esse convite?

Zebu: Fiquei completamente at6ni-

to, realmente n3o acreditava, foram alguns dias pra cair a ficha e conseguir efetivamente trabalhar nisso. Sou muito muito f3 da Lady Gaga e tamb6m entendo que a gente tinha um dever com a Pablllo de entregar algo que fosse muito impactante, porque essas oportunidades n3o aparecem todo dia. No fim nos acalmamos e a6 fizemos algumas vers3es da m6sica, mas Pablllo optou pela nossa favorita (a mais brasileira de todas), o que achei um ato de coragem mas tamb6m de uma intelig6ncia muito grande...Lady Gaga lanç3ando um forr3 me parecia a coisa mais inacredit3vel do mundo, e hoje est3 a6! Agora espero que venham outros, adoraria trabalhar com ela em algo in6dito, n3o custa sonhar n3o 6?

Finalizando, qual sua mensagem para os milhares de jovens que querem forjar suas coexist6ncias nesse planeta por meio de suas canç3es?

Zebu: Que responsabilidade (risos). N3o sei de quase nada, mas minha experi6ncia curta nesse mundo da m6sica me levou a acreditar que quando as coisas s3o feitas de maneira natural, por pessoas que se d3o bem e se divertem no processo, a chance de muita gente gostar 6 bem maior. Ent3o a ideia 6 n3o pensar muito, e se voc6 n3o estiver se divertindo, tem algo de errado! ■



IOV.COM.BR



SÃO JOSÉ TEM Radioterapia de qualidade.



Radioterapia IOV

Rua Major Antônio Domingues, 494,
Centro, São José dos Campos.

Tel: 3928-9055

Dr. Carlos Flávio Turci
Responsável Técnico
CRM-SP27301



INSTITUTO
DE ONCOLOGIA
DO VALE